

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES

O PLANEJAMENTO DO PROFESSOR:
INCLUINDO ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NO
ENSINO FUNDAMENTAL

Deizeane Maria Carlos Cupertino Barbosa Ruffato

112790013C

Juiz de Fora

Juiz de Fora

2019

DEIZEANE MARIA CARLOS CUPERTINO BARBOSA RUFFATO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

O PLANEJAMENTO DO PROFESSOR:
INCLUINDO ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NO
ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elita Betania de Andrade Martins

Co-orientador: Prof^o. Ms. Alan Willian de Jesus

Juiz de Fora

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

RUFFATO, DEIZEANE MARIA CARLOS CUPERTINO BARBOSA .
O PLANEJAMENTO DO PROFESSOR : INCLUINDO ALUNOS
COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NO ENSINO
FUNDAMENTAL / DEIZEANE MARIA CARLOS CUPERTINO
BARBOSA RUFFATO. -- 2019.

27 f. : il.

Orientadora: Elita Betania de Andrade

Coorientador: Alan Willian de Jesus

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Especialização em Educação Inclusiva em Contextos Escolares, 2019.

1. O planejamento do professor. 2. Aluno com deficiência. I. de Andrade, Elita Betania , orient. II. de Jesus, Alan Willian , coorient. III. Título.

DEIZEANE MARIA CARLOS CUPERTINO BARBOSA RUFFATO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Elita Betania de Andrade Martins – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora – UAB

Prof^o. Ms. Alan Willian de Jesus – Coorientador
Universidade Federal de Juiz de Fora – UAB

Ms. Rodrigo Geraldo Mendes
Universidade Federal de Juiz de Fora – UAB

Juiz de Fora

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me dado sabedoria, paciência, por me acompanhar e me dar forças para chegar até aqui e realizar mais este sonho.

Meu esposo Welbert, que acompanhou de perto todas as minhas lutas, vitórias e soube me apoiar em todos os momentos.

Aos meus pais Sandra Regina e Carlos Henrique, que me apoiaram nas horas difíceis. A eles, toda a minha admiração.

Ao meu orientador Alan, pela dedicação, paciência e competência em me orientar.

A todos os professores e funcionários da Universidade Federal de Juiz de Fora, que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Enfim, a todos, o meu muito obrigada!

RESUMO

O presente estudo busca refletir sobre o planejamento do professor e a sua importância na inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na sala de aula. Este projeto se propõe a responder a seguinte questão: Como as formas de planejamento das aulas podem contribuir para a educação de alunos com deficiência e/ou necessidades educacionais especiais? Para responder a esta questão, apresento como objetivos: pesquisar autores que discutem sobre planejamento do professor e concepções de aprendizagem, analisar o planejamento do professor nas aulas de Português, Matemática e Ciências e as suas intervenções para alunos com deficiência e/ou necessidades educacionais especiais, definir a importância do planejamento, ensino e aprendizagem significativa. Este estudo se baseia metodologicamente numa revisão bibliográfica, além de observações em sala de aula, aplicação de um questionário e intervenções pedagógicas junto ao aluno com necessidades educacionais especiais. A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública municipal, da cidade de Juiz de Fora (MG). Destaco ser um grande desafio para o corpo docente, a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nas salas de aula. Pelas observações, o currículo escolar, ainda não está adaptado para atender a todas as crianças. Ressalto ainda, a necessidade de o professor considerar cada criança, levando em consideração suas especificidades e o seu tempo de aprender.

Palavras-chave: Planejamento. Inclusão. Pessoa com deficiência. Professor.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA/ QUESTÃO	7
3 DESCRIÇÃO DO QUE TE FEZ ELEGER TAL PROBLEMA	7
4 JUSTIFICATIVA DE ESTUDAR TAL QUESTÃO E NÃO OUTRA	8
5 OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS	9
7 ALTERNATIVAS ESCOLHIDAS PARA A INTERVENÇÃO	9
8 CRONOGRAMA	17
9 RELATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	18
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
11 REFERÊNCIAS	26
APÊNDICES	27

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, estamos observando cada vez mais a diversidade e as diferenças em nossas salas de aula. Educandos com diversidades culturais, alunos com deficiências, com necessidades educacionais especiais, entre outros.

A educação vem sendo submetida a novos paradigmas, novas maneiras de se construir conhecimento. Sendo assim, se faz necessário revermos as nossas práticas pedagógicas, planejarmos nossas aulas, mudarmos as ações buscando ensinar a todos os estudantes, sem nenhum tipo de discriminação. Entendemos que todo ser humano requer atenção, cuidados básicos, formação, educação e aprendizagem, o que sugere uma reorganização de propostas relacionadas ao trabalho que será desenvolvido, no 3º ano do Ensino Fundamental.

É primordial que se capacite o corpo docente para lecionar aos alunos que possuem necessidades educacionais especiais. Uma vez que, é necessário repensar e refletir sobre o Ensino Fundamental, analisar documentos, para então traçar novos caminhos.

O presente estudo apresenta como tema “O planejamento do professor: Incluindo alunos com necessidades educacionais especiais no Ensino Fundamental”. Esta escolha se deu pela vivência de algumas experiências que oportunizei durante estágios em escolas, nas quais percebi algumas posturas que não iam ao encontro das teorias estudadas no curso de Pedagogia.

2 IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA/QUESTÃO

Como as formas de planejamento das aulas podem contribuir para a educação de alunos com deficiência ou necessidade educacionais especiais?

3 DESCRIÇÃO DO QUE TE FEZ ELEGER TAL PROBLEMA/QUESTÃO

Na minha época de estagiária, observei muitas práticas pedagógicas em sala de aula. E algumas dessas condutas, me fizeram questionar a maneira como aqueles professores ensinavam aos seus alunos.

Algo que me lembro com clareza e que quero investigar: Como as formas de planejamento das aulas podem contribuir para a educação de alunos com deficiência e/ou necessidade educacionais especiais?

Tendo em vista que o direito a aprendizagem, é garantido pela Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990, em seu artigo 53, penso que todos os alunos que estão na escola, devem ter acesso ao ensino e a aprendizagem sem nenhum tipo de preconceito. Uma vez que é função do professor e dos gestores, assegurarem esse direito à todos os alunos.

A escola em que fazia estágio era da rede pública municipal de Juiz de Fora. Em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, 1º Ciclo de Alfabetização, começaram os meus questionamentos.

Nesta turma havia uma menina com paralisia cerebral, e que utilizava cadeira de rodas. Tinha uma professora por conta dela, entretanto a mesma não ficava com a criança na sala de aula, não planejava atividades diferenciadas, materiais adaptados, jogos, comunicação alternativa. Lembro-me muito bem de sua fala: *“Não liga não, ela não vai aprender mesmo, por isso fico passeando no pátio”*.

Eu era uma simples estagiária, mais aquela fala da educadora e o jeito como ela olhava para a menina com pena, me fizeram questionar o porque a aprendizagem daquela criança não poderia acontecer. Então pensando na situação, nas práticas que não concordo da professora, resolvi escrever o meu projeto de intervenção voltado para o planejamento do professor. Na qual acredito ser fundamental para ocorrer uma aprendizagem significativa para todos os alunos.

4 JUSTIFICATIVA DA IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR TAL QUESTÃO E NÃO OUTRA

A meu ver, se faz importante favorecer um pensamento crítico em relação ao planejamento do professor. E como esta falta de planejar, adequar e criar aulas motivadoras, acabam originando o desinteresse dos alunos com necessidades educacionais especiais em aprender. Segundo Oliveira (2007, p.21)

[...] o ato de planejar exige aspectos básicos a serem considerados. Um primeiro aspecto é o conhecimento da realidade daquilo que se deseja planejar, quais as principais necessidades que precisam ser trabalhadas; para que o planejador as evidencie faz-se necessário fazer primeiro um trabalho de sondagem da realidade daquilo que ele pretende planejar, para assim, traçar finalidades, metas ou objetivos daquilo que está mais urgente de se trabalhar.

Além disso, acredito que o professor antes de planejar as suas aulas, deve pensar em quem são os seus alunos, buscar conhecer cada um, adequar a sua metodologia de ensino e o seu planejamento na realidade dos seus educandos. E a partir daí, propiciar intervenções essenciais, fazendo com que eles superem seus entraves e com isso ocorra o aprendizado esperado.

Conhecer o currículo do Ensino Fundamental, a Matriz Curricular da escola, entender sobre as Orientações para a Política da Inclusão, se traz algo que possa acrescentar em sua prática pedagógica, também é fundamental. Buscando ensinar aos seus alunos de modo com que todos se sintam incluídos no contexto da sala de aula. De acordo com Aranha, Silva (2005):

[...] Pensar na Educação Inclusiva como uma possibilidade de construção de uma sala de aula melhor na qual alunos e professores sintam-se motivados a aprender juntos e respeitados nas suas individualidades, parece que realmente pode vir a ser um progresso na história da educação brasileira. (ARANHA; SILVA, 2005, p. 4)

A Educação Inclusiva é uma prática inovadora, enfatizando uma qualidade de ensino, solicitando que a escola se atualize e os professores aprimorem as suas práticas pedagógicas. É caracterizada como uma política de justiça social que alcança alunos com necessidades educacionais especiais, tal como que diz a Declaração de Salamanca:

O princípio fundamental dessa Linha de Ação é de que as escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem dotadas, crianças que vivem nas

ruas e que trabalham, crianças de populações distantes ou nômades, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos os zonas desfavorecidas ou marginalizadas. (BRASIL, 1994, p. 17-18)

Conforme foi apontado na Declaração de Salamanca, é função da escola aceitar a todas as crianças, sejam elas com deficiências, transtornos, necessidades educacionais especiais. E além desse acolhimento, garantir o acesso, permanência e o aprendizado.

5 OBJETIVO GERAL

- Construir formas de planejamentos inclusivos junto ao professor que atua no 3º ano do Ensino Fundamental.

6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Pesquisar autores que discutem sobre planejamento do professor e concepções de aprendizagem.
- Analisar o planejamento do professor nas aulas de Português, Matemática e Ciências e as suas intervenções para alunos com necessidades educacionais especiais.
- Definir a importância do planejamento, ensino e aprendizagem significativa.

7 ALTERNATIVAS ESCOLHIDAS PARA A INTERVENÇÃO

Pensei como proposta de intervenção, observar e propor um movimento de intervenção pedagógica nas aulas de Português, Matemática e Ciências em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental – anos iniciais, de uma escola pública da rede municipal de Juiz de Fora, durante duas semanas.

Durante o período de observação, me propus a investigar como é feito o planejamento desta professora. O planejamento ocorre junto com o professor bidocente ou separado? Como são realizadas e aplicadas às atividades para a criança com necessidades educacionais especiais? E no final deste período, segui o movimento da intervenção, onde apliquei um roteiro de entrevista para compreender o repertório pedagógico dos professores regente de turma e bidocente.

Depois de feita as entrevistas, a proposta foi de selecionar alguns diálogos e produções que foram desenvolvidos durante a intervenção, que se deram conforme a evolução dos temas abordados nos encontros. Os encontros irão se configurar como um mini- curso realizado em três momentos, com duração de 50 minutos cada, com o intuito de se constituir uma formação dos professores para a inclusão.

Os recursos escolhidos para a intervenção do aluno observado com síndrome de down e autista, foram à utilização do alfabeto com letras grandes feitos de espuma vinílica acetinada; os números e quantidades - produzidos com o mesmo material -, um cartaz com os números de 1 ao 10 – de maneira que o aluno pudesse observar a quantidade e pegar as bolinhas de madeira colocando-as por em cima do ábaco de 1 ao 9; um tapete com diferentes posições dos pés; tampinhas de leite; uma ficha com a rotina do que ele faz de manhã; ficha com o nome dos animais; brinquedos de encaixe e o roteiro de entrevista.

O alfabeto foi utilizado nas aulas de português, na qual eu ia mostrando as letras, falando algo que começa com a letra ou em uma palavra que a continha, e perguntando qual letra é aquela e outra palavra que possui a letra aprendida. Os números e as quantidades foram utilizados nas aulas de matemática, mostrando a quantidade com objetos que a criança conhece, como o apontador, os lápis e outros materiais de uso na escola. Com o ábaco e o cartaz ele via o número, enquanto eu mostrava a quantidade; depois eu propunha outro número, pedindo-o para colocar a quantidade.

Já o tapete com diferentes posições dos pés, era para que o aluno andasse respeitando a posição dos pés. O intuito é saber se ele consegue ter esse movimento de andar conforme o que foi solicitado. O educando apresentou dificuldade com essa atividade, não

conseguindo ficar muito tempo de pé sem auxílio, quase caindo. Já as tampinhas de leite eram para que o aluno pudesse desenvolver o movimento com as mãos de enroscar e desenroscar.

A ficha da rotina de atividades do que o aluno faz na parte da manhã, tinha o objetivo dele identificar esse processo. Saiu-se muito bem. Apesar de não conseguir encaixar, retirar e empilhar objetos, ele teve êxito nos brinquedos pedagógicos de encaixe.

A ficha com o nome dos animais foi utilizada nas aulas de Ciências, na qual eu mostrava o animal, perguntava qual era e pedia para ele falar e fazer o som. O aluno fazia os sons bem baixos, mas percebia a satisfação em seu rosto. A professora bidocente me relatou que o mesmo gosta de animais.

Segue abaixo os registros dos materiais trabalhos:



Letra C, alfabeto móvel

(Acervo pessoal)



Letra O, alfabeto móvel.

(Acervo pessoal)



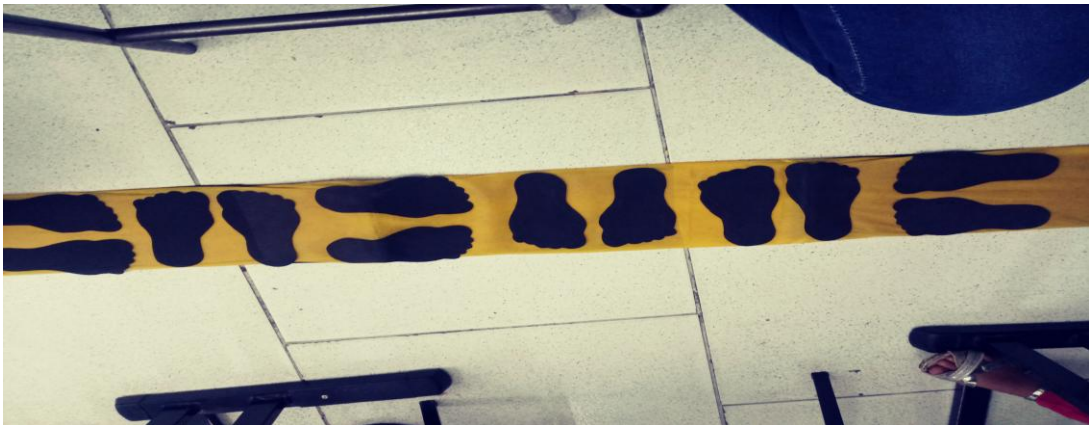
O aluno com a mão na letra N.

(Acervo pessoal)



Ficha com a rotina do aluno, figuras de animais e partes do corpo humano, ficha com tampinhas de leite.

(Acervo pessoal)



Tapete com diferentes posições dos pés.

(Acervo pessoal)



Numeral seis, quantidade e escrita por extenso.
(Acervo pessoal)



Cartaz com os números e suas quantidades.
Bolinhas de isopor com as cores primárias.
(Acervo pessoal)



O aluno tentando andar na posição dos pés indicados no tapete.
(Acervo pessoal)



O aluno sentado em um colchão, em outra sala colocando as quantidades no ábaco.
(Acervo pessoal)



O aluno no pátio da escola, brincando de correr com a professora bidocente.

(Acervo pessoal)



O aluno no pátio da escola.

(Acervo pessoal)

O aluno observado, não gosta muito de tirar fotos, eu e a professora bidocente tivemos que levá-lo para uma outra sala para conseguir fotografá-lo. Quando ele via o celular em sua direção, parava de realizar a atividade.

8 CRONOGRAMA

AÇÃO	PREVISÃO DE REALIZAÇÃO
Procurar uma escola da rede pública municipal de Juiz de Fora. Pedir autorização para observação e anotações das aulas de Português, Matemática e Ciências em uma turma do 3º ano do E.F.1.	De 07 de Março a 08 de Março de 2019.
Observações e anotações das aulas. Aplicação do Questionário.	De 11 a 25 de Março 2019.
Registros de Ações de Intervenção.	De 20 a 22 de Março de 2019.
Reunião de Formação com os Professores.	De 25 a 27 de Março de 2019.
Registros no Diário de Campo.	De 28 á 29 de Março de 2019.
Redação do Texto Final do TCC.	De 09 á 16 de Abril de 2019.
Entregar o TCC pronto.	Dia 27 de Abril de 2019.

9 RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

O projeto de intervenção pedagógica foi desenvolvido em uma escola da rede pública municipal da cidade de Juiz de Fora.

Nos primeiros dias de observação, estava ansiosa, pois não conhecia o aluno com deficiência e nem a sua turma. Já no primeiro dia, a criança que seria observada, por motivos pessoais não foi na aula. Então conversei com as professoras sobre ele, seus comportamentos na sala, limitações, anseios.

Cheguei à sala do aluno, com expectativas a seu respeito, com vontade de aprender, entender sobre a sua deficiência e ensiná-lo da melhor forma possível. Entretanto, encontrei algumas dificuldades, para realizar a intervenção pedagógica. Devido as diferentes ocupações que o aluno faz na parte da manhã, ele chegava à escola exausto; dificultando em alguns momentos à realização das atividades propostas. Se por um lado as atividades que a criança faz na parte da manhã fora da escola, como fonoaudiólogo, natação, psicólogo, equoterapia, vem auxiliando-o em seu desenvolvimento; por outro lado, apesar dessas terapias e atividades serem muito importantes para o seu desenvolvimento, a criança chega à escola muito cansada, com sono, e em vários momentos da aula dormia. Todavia, em um diálogo com a mãe do aluno, ela me relatou que queria que seu filho se socializasse com as outras crianças.

Em relação às atividades, a professora bidocente tem um planejamento diferenciado para o aluno, na qual o mesmo foi preparado pelas professoras regente e bidocente. E elas me relataram na entrevista, que o planejamento foi montado de acordo com as necessidades desse estudante.

Durante as observações, percebi que o aluno quase não fazia atividades em sala de aula, devido às suas limitações, a fala bem comprometida, quase não dá para ouvi-lo. Ao andar sozinho, algumas vezes tropeçava, usa fraldas, não consegue segurar o lápis, ou giz, não tem movimento de pinça, está aprendendo a segurar a colher e o copo, a sua alimentação tem que ser pastosa, possui alguns comprometimentos motores.

A professora bidocente, trazia atividades no papel, objetos para estímulos. Contudo, tinha momentos em que o educando queria fazer e conseguia. E dias que por estar cansado, só queria dormir.

O espaço físico da sala de aula, a meu ver, não estava adaptado para atender a esse aluno. Em torno de 28 alunos na sala de aula, carteiras uma do lado da outra. Quando o aluno queria andar sozinho, acabava esbarrando na carteira, ou em algum colega, quando não caía no chão. Para conseguir tirar as fotos, eu e a professora tivemos que ir para outra sala, devido à falta de espaço. O tempo das aulas, também o deixava cansado. E quando a turma começava a conversar alto, o estudante ficava agitado e queria sair da sala e ficar andando em círculos no pátio da escola.

O mini-curso foi realizado em três encontros de 50 minutos, com as professoras de Português e a professora bidocente, que também é professora de Ciências da turma. Nos intervalos das aulas de História e nos dias em que o aluno não estava presente. Comecei o mini-curso abordando num primeiro momento sobre as questões da deficiência, a inclusão, as limitações, os principais problemas enfrentados nos dias de hoje sobre a deficiência, o papel do professor bidocente, do professor regente e de todos os funcionários que fazem parte do ambiente escolar para o processo de inclusão de todos os alunos. Depois relatei sobre alguns materiais adaptados, alguns sites, vídeos que tratam da deficiência.

Num segundo momento, conversamos sobre as dificuldades que os professores encontram para trabalhar e ensinar os alunos com necessidades educacionais especiais/ou deficiências. Introduzimos a leitura do artigo: Inclusão Escolar: Um desafio entre o ideal e o real.

Já no terceiro e último momento, debatemos em uma roda de conversa a respeito dos assuntos principais do artigo, tais como: o que vocês entendem por inclusão?; a importância da adaptação de materiais; o modo como nós professores falamos, quando recebemos um aluno com deficiência na sala de aula; e como estamos incluindo ou excluindo os nossos alunos com deficiências. E finalizei descrevendo a respeito da importância da formação continuada do professor.

Os estudantes da sala e da escola me receberam muito bem. As professoras regente de turma e bidocente participaram do mini-curso, relataram sobre as dificuldades encontradas no dia a dia, se interessaram pela pós em educação inclusiva. Foi bem proveitoso o tempo em que realizei esse projeto. Não foi possível todas as professoras da turma, estarem presentes durante o mini-curso e a roda de conversa, devido aos horários e quem iria ficar com a turma.

Penso que o projeto de intervenção me acrescentou muito, enquanto professora, mãe, aluna de um curso de especialização. Pois há momentos em que vamos para a sala de aula, e pensamos que já sabemos tudo. Pois não, não sabemos. Eu não sei, estamos em

constante aprendizado com os nossos alunos, com a troca de experiências, informações, vivências. Percebi com esse aluno, que o aprendizado, à inclusão que todos nós falamos, não está baseado somente em conteúdos no papel, para preenchermos um planejamento. O aprendizado é muito mais que isso. É você conhecer o seu aluno, a sua deficiência, respeitar o seu tempo de aprender, ter paciência ao ensinar, se for preciso, repetir várias vezes o conteúdo, para que o mesmo consiga aprender.

A classe interagiu bem com o educando, e respeitavam a sua deficiência. Em algumas ocasiões em que estavam alterados no comportamento, a professora, falava uma frase que gravei: “*Crianças, o Samuel (nome fictício) está na sala, e ele não gosta de barulho, vamos respeitar e fazer silêncio!*”. E eles ficavam quietos.

O aluno com deficiência, tem uma ótima auto estima, os colegas da sala são bem receptivos. Quando ele chega, seus colegas levam a sua mochila. Alguns sentam perto dele no recreio. Em alguns momentos na sala de aula, tentam conversar com ele, mais o mesmo não fala, só pede abraços fazendo gestos com os braços e os colegas o abraçam.

A observação em sala de aula, como já abordei, foi realizada nas aulas de Português, Matemática e Ciências em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental I, durante 3 semanas. Ao final das observações e intervenções, foi aplicado um questionário com as professoras regente e bidocente. E depois de analisadas as respostas, aconteceu o mini-curso.

O questionário (Apêndice A e B) foi aplicado no mês de Março e dividido em três etapas, sendo elas: caracterização das professoras, caracterização da instituição e oito perguntas direcionadas as docentes referentes às suas práticas pedagógicas. A identidade das professoras será preservada, vou chamá-las de professora regente e professora bidocente.

A professora regente atua na rede pública municipal há 18 anos, e abordou que durante esses anos, o conceito de educação inclusiva tem mudado bastante. Quando lhe foi perguntado se o planejamento dos educandos com necessidades educacionais especiais é feito juntamente com o professor que acompanha a criança (bidocente), ou é realizado de maneira individual, ela respondeu:

“O planejamento é feito em conjunto com a professora bidocente. Nós sentamos no começo do ano, depois de alguns dias de observação do aluno com deficiência e montamos o planejamento segundo as necessidades que ele possui. É um planejamento bem diferenciado do restante da turma. Trabalhamos com matérias de manuseio, jogos, massinha, blocos de encaixe, e atividades em papel. Entretanto, apesar de termos o planejamento em dia, nem sempre conseguimos acompanhá-lo”. (Professora Regente)

A partir das observações em sala de aula, percebi que a construção desse planejamento é feito em conjunto, e antes de realizarem alguma atividade com o aluno, primeiramente elas observam se ele está cansado e se vão conseguir realizar.

A professora bidocente atua na rede pública municipal há 9 anos. Relatou que trabalha no cargo de professora bidocente há 5 anos. E na escola atual, está há 3 anos.

Outro ponto investigado é se a prática pedagógica das educadoras está embasada em algum documento, e as respostas foram:

“Sim, a minha prática pedagógica está embasada no planejamento curricular da escola, que foi baseado na Base Nacional Comum Curricular e no projeto político pedagógico da escola”. (Professora regente)

“Sim, a minha prática está embasada em relatórios, ocorrências e registros semanais”. (professora bidocente).

Ao analisar essas duas respostas percebemos que a professora regente se baseia no planejamento curricular da escola e no projeto político pedagógico. Porém, a professora bidocente, relata que está embasada em relatórios, ocorrências e registros semanais. Isso mostra que as duas não estão em comum acordo, em relação ao que seguir para fazer um planejamento de acordo com as necessidades do aluno, como apontaram na entrevista. Contudo, apesar disso fazem o planejamento juntas, pensando primeiramente no aluno.

Ao serem questionadas sobre como tem sido o recebimento das crianças com deficiência pela turma e se muda algo na rotina da classe com a presença de uma criança com deficiência, elas relatam:

“O recebimento das crianças com deficiências pela turma acontece de forma solidária. Apresentam muito carinho e solidariedade com essas crianças. Quanto à rotina da turma, muda sim. Pois quando o aluno com deficiência está presente, converso com eles durante a aula para prestarem atenção, pois tenho que dividir a minha atenção e dar um auxílio a todos os alunos. Que sou só uma, e preciso da ajuda deles para que o colega consiga aprender”. (Professora regente)

“As crianças são bem receptivas, nada muda na rotina da classe”. (Professora bidocente)

As crianças da sala demonstram solidariedade para com o aluno com deficiência. Todavia, a partir das minhas observações, penso que a rotina da sala muda sim. Quando o aluno está presente, a classe se comporta mais, obedece aos combinados e respeitam quando as professoras pedem silêncio. E quando ele faltou aula alguns dias, a turma parecia outra.

A síndrome de down ou Trissomia do 21, conhecida também como mongolismo, é uma modificação associada a deficiência mental. Ao longo da história da Educação Especial no Brasil, essas crianças viviam escondidas em casa, preocupadas com as rotulações da sociedade que pronunciava os ditos “normais” e “anormais”.

Nos dias atuais, as crianças com deficiência, possuem os seus direitos garantidos por lei. Entretanto, essa garantia não assegura que na escola esses sujeitos tenham um ensino de qualidade. Se fazendo necessário, que o aprendizado para com a criança com síndrome de down, tenha um olhar diferenciado. De acordo com Vygotski (1997):

[...] Ainda que as crianças mentalmente atrasadas estudem mais prolongadamente, ainda que aprendam menos que as crianças normais e ainda que, por fim, se lhes ensine de outro modo, aplicando métodos e procedimentos especiais, adaptados às características específicas de seu estado, devem estudar o mesmo que as demais crianças receber a mesma preparação para a vida futura, para que depois participem nela em certa medida ao par com os demais. (VYGOTSKI, 1997, p. 149)

Vemos que a criança com síndrome de down é geralmente enxergada somente pela sua deficiência, não por suas qualidades. Os materiais que o professor vai trabalhar com essas crianças, devem ser adaptados no contexto em que a mesma está inserida, para que ela possua uma preparação igual aos seus colegas de sala. Com estímulos, mediações e intervenções, o processo de ensino e aprendizagem pode acontecer.

O autismo, ainda não tem uma causa específica estabelecida. Por ser algo novo, é chamado de Síndrome do Espectro Autista. Assim:

Autismo é uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação. (MELLO, 2007, p. 16).

O autismo como aponta Mello (2007), é uma síndrome que está presente nas crianças antes dos três anos de idade. Segundo o autor, algumas manifestações que são fundamentais para sabermos identificar a criança com autismo:

Usa as pessoas como ferramenta, resiste à mudança de rotina, não se mistura com outras crianças, não mantém contato visual, age como se fosse surdo, resiste ao aprendizado, apresenta apego não apropriado a objetos, não demonstra medo de perigos, gira objetos de maneira bizarra e peculiar, apresenta risos e movimentos não apropriados, resiste ao contato físico, acentuada hiperatividade física, às vezes é agressivo e destrutivo, apresenta modo e comportamento indiferente e arredo. (MELLO, 2007, p.72)

Esses sintomas nos ajuda a perceber no cotidiano escolar se a criança possui ou não autismo. Ainda assim, nós professores não devemos diagnosticar e nem rotular essas crianças. Compete a nós, procurarmos a melhor forma de ensinar, esses indivíduos que possuem certa rejeição a comunicação social e interação com os outros sujeitos.

O aluno observado, como já disse, possui a síndrome de down e o autismo. Ou seja, a aprendizagem dessa criança precisa ser estimulada na escola, em casa, em outras atividades fora do ambiente escolar, nas quais o estudante já faz. Sendo necessário acontecer o trabalho em conjunto, com incentivos constantes. Uma vez que, esse aprendizado não acontece de um dia para outro. E nós professores temos o dever de saber respeitar esse tempo para que uma aprendizagem significativa aconteça.

Através das observações em sala, penso que os professores da escola na qual realizei as intervenções, possuem uma concepção de inclusão, onde o aluno está apenas inserido no ambiente da sala de aula e se socializa com os demais colegas.

Acredito que a Educação Inclusiva é você se voltar para o aluno, enxergá-lo como um sujeito capaz de aprender, de interagir, independentemente da deficiência que esse estudante possui. É ver quem é o Samuel, o João, a Maria, que são pessoas como nós, que possuem o direito de estarem matriculados em uma escola regular.

Sabemos que a história da educação inclusiva, passou por muitas lutas. Os alunos com deficiência eram encaminhados para escolas especializadas, às famílias não podiam matricular seus filhos em escolas regulares.

Essa inclusão que todos nós falamos, envolve os professores, as famílias dos alunos, a comunidade, uma vez que queremos construir uma sociedade mais justa e humana.

Considero que apesar da inclusão ser garantida por leis, ainda temos muito que avançar. Sendo primordial que os professores se adaptem a esse novo processo de ensino, compreendendo que precisamos ter esse novo olhar para a criança com deficiência. Rompendo com preconceitos já existentes, para que seja possível ensinarmos com qualidade.

Perante a diversidade de sujeitos que encontramos nas nossas salas de aula, é muito importante que o professor tenha uma formação continuada. E por meio dessa formação, buscar rever e melhorar a sua prática pedagógica, de maneira a ensinar a todos os alunos e ajudá-los a superarem suas dificuldades.

Suponho que a escola inclusiva é um processo incompleto que ainda precisa ser reformulado. Visto que o grande desafio da inclusão é incluir a todos os alunos, com suas diferentes subjetividades.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando compreender como é feito o planejamento de uma turma de 3 ° ano do Ensino Fundamental, tecerei algumas considerações sobre o estudo realizado.

Com o passar dos anos, houve transformações referentes à criança e a escola. A criança, que era vista como um ser insignificante, passou a ser reconhecida como sujeito cultural. Em relação à escola, verifiquei que a mesma passou a ter um papel importante na formação dessa criança. Nesse sentido, a instituição educacional precisa adequar os tempos e espaços escolares, priorizando as necessidades de todas as crianças e dos atores educacionais envolvidos.

A inclusão da criança com deficiência na sala de aula, ainda é um desafio para os professores, gestores, a família desse aluno. Sendo assim, acredito ser fundamental que os professores, gestores, revejam os currículos da escola, o planejamento, de maneira a incluirmos todos os nossos alunos, sem nenhum tipo de preconceito.

Na sala de aula observada, as professoras possuem um planejamento, visando incluir o aluno com deficiência e principalmente respeitando o seu tempo de aprender e as suas necessidades. Porém, esses planejamentos inclusivos, não são suficientes para que esse aprendizado aconteça. O aluno faz atividades que fora do ambiente escolar influencia de forma bastante positiva no seu comportamento e no desenvolvimento na escola, também sendo de suma importância para o seu crescimento enquanto pessoa. As educadoras respeitavam os afazeres desse aluno fora da escola, e tentavam o tempo todo mediar o seu aprendizado de maneira com que o estudante não ficasse cansado e conseguisse aprender.

Penso que o objetivo principal do meu projeto de intervenção, foi alcançado. Uma vez que, esses planejamentos inclusivos foram feitos, pensando primeiramente no aluno, e tentando fazer a mediação junto com as suas atividades fora do ambiente escolar.

Essa experiência na sala de aula, de observar e fazer intervenções com um aluno que possui síndrome de down e autismo me fez enxergar a criança com deficiência de outra maneira. Aprendi muito com esse aluno, com a turma e percebi que é fundamental nós professores buscarmos uma formação continuada para melhorar cada vez mais a nossa prática pedagógica e refletirmos sobre a importância dessa inclusão acontecer na prática em sala de aula.

11 REFERÊNCIAS

ARANHA, M.S. SILVA S.C. **Interação entre Professora e Alunos em Salas de Aula com Proposta Pedagógica de Educação Inclusiva.** Revista Brasileira de Educação Especial, v.11, n.3, p.4, 2005.

BRASIL, **Declaração de Salamanca e Linha de Ação Sobre Necessidades Educacionais Especiais.** Brasília: Corde, 1994.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático.** 5 ed. São Paulo: AMA. Brasília: CORDE, 2007.

OLIVEIRA, Dalila de Andrade. **Gestão Democrática da Educação: Desafios Contemporâneos.** 7ª edição. Petrópolis, RJ. Editora: Vozes, 2007

VYGOSTKI, Levi. S. **Obras Escogidas: Fundamentos da Defectologia.** Tomo V. Madri: Visor, 1997.

APÊNDICE A- Questionário**Questionário aplicado aos professores da rede pública municipal de Juiz de Fora.****Caracterização do professor e da instituição.**

1. Idade: _____
2. Sexo: () feminino () masculino
3. Nível de escolaridade mais alto completado:
() graduação () especialização () mestrado () doutorado
4. Áreas de formação (graduada(o)): _____
5. Há quanto tempo concluiu a formação? _____
6. Há quanto tempo trabalha na instituição atual? _____
7. Há quanto tempo trabalha no cargo de professor(a)? _____
8. Quantidade de alunos atendidos na escola? _____
9. Quantidade de turmas de 2º ano do Ensino Fundamental oferecido:

10. Quantidade de crianças com necessidades educacionais na instituição?

APÊNDICE B- Questionário

1. Há algum tipo de planejamento para atender aos alunos com necessidades educacionais especiais?

Sim Não

Se sim, quais?

Se não. Justifique.

2. O planejamento desses educandos, é feito juntamente com o professor que acompanha a criança (bidocente), ou é realizado de maneira individual?

3- Sua prática está embasada em algum documento? Se sim, qual ou quais?

4. Ao planejar as aulas para a turma, o planejamento para a criança com deficiência é feito pensando na criança e em suas particularidades, com adaptações, criação de materiais se preciso, visando incluir esse estudante?

5. Como tem sido o recebimento das crianças com deficiência, pela turma? Muda algo na rotina da classe com a presença de uma criança com deficiência?

6. O currículo escolar está adaptado para atender as necessidades de todas as crianças?

7. O que você observa no comportamento das crianças com necessidades educacionais especiais? Como é a autoestima dessas crianças.

8. Cada criança tem o seu tempo de aprender e suas individualidades, como você tem trabalhado na sala de aula com as especificidades de cada uma? Que atividades assumem centralidade em sua prática pedagógica, buscando incluir todos os alunos sem distinção?